

.....

Fetichismo, do estrangeiro ao íntimo

Ariana Moura Gomes¹

Resumo

A história do conceito de fetichismo é paralela à história das ciências humanas. Tendo origem em relatos de navegadores mercantes acerca dos costumes religiosos de povos estrangeiros, o termo se prestará, desde o princípio, a designar o que estaria no campo do estranho e primitivo, estabelecendo-se, com ele, uma fronteira em relação ao civilizado e esclarecido. Outros campos do saber se apropriarão posteriormente do termo, sempre herdando, em diferentes medidas, esta concepção de que o pensamento fetichista seria o paradigma do pensamento não esclarecido. Nos proporemos, no presente artigo, a examinar os elementos fundamentais que constituem o fetichismo, em especial em sua apropriação pela psicanálise, sublinhando a transformação que se operará em seu sentido – quando se conceberá que o pensamento fetichista, longe de ser uma falta de capacidade de abstração, será parte constituinte e ineliminável do desejo.

Palavras-chave: Fetichismo. Verleugnung. Desejo.

Fétichisme, de l'étranger à l'intime

Résumé

L'histoire du concept de fétichisme est parallèle à l'histoire des sciences humaines. Le terme, qui puise son origine dans des rapports de navigateurs marchands sur les coutumes religieuses des peuples étrangers, servira dès le début à désigner ce qui s'inscrirait dans le domaine de l'étrange et du primitif, établissant ainsi une frontière par rapport au civilisé et à l'éclairé. D'autres champs de connaissance reprendront plus tard le terme, lequel héritera alors, à des degrés divers, de cette conception selon laquelle la pensée fétichiste serait le paradigme de la pensée non éclairée. Nous proposons par le présent article d'examiner les éléments fondamentaux qui composent le fétichisme, notamment à partir de son appropriation par la psychanalyse, en soulignant la transformation qu'elle a entraînée dans la compréhension d'un tel concept - quand la pensée fétichiste a été conçue, elle était loin de constituer un manque surmontable de capacité d'abstraction, c'est une partie constitutive et essentielle du désir.

Mots-clés: Fétichisme. Verleugnung. Désir.

.....

¹ Doutora em cotutela pela École Doctorale Recherches en Psychopathologie et Psychanalyse da Université de Paris e pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Experiência em docência, atendimento clínico particular e em instituição pública de saúde mental. Desenvolve sua pesquisa em torno dos seguintes temas: Psicanálise e filosofia, desejo, ética. E-mail: ariana.moura@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Sendo utilizado com destaque por diversos campos das ciências humanas, o conceito de fetichismo guarda em si uma interessante e rica história, que, ao ser investigada, revela nuances importantes sobre sua aplicação. No campo da psicanálise, vemos que tal termo fora resgatado por Freud a partir da nosologia psiquiátrica com o intuito de apontar aspectos fundamentais acerca da relação entre os sujeitos desejantes e os objetos de sua predileção.

Mas, ao remetermo-nos às origens do termo, vemos emergir um testemunho da visão eurocêntrica sobre povos diferentes de si, por um lado, e, por outro, implicações filosóficas que nos instruem sobre uma relação não imediatamente empírica com os objetos desejados. Após sucessivas migrações entre distintos campos do saber, o fetichismo tornou-se conceito fundamental e indispensável para as ciências humanas, sendo justamente o fato de acolher em si tantas dubiedades a fonte de sua relevância.

É imprescindível termos em mente em que medida as concepções posteriores de fetichismo, sejam elas de natureza sociológica, filosófica, marxista, psiquiátrica, psicanalítica terão origem na teoria antecessora do fetichismo como manifestação religiosa. Tão importante quanto, registre-se também, é compreender como, em cada uma das mencionadas apreensões do termo, o fetichismo permanece sempre como um conceito marcado pelo ideal do progresso da razão, designando, de uma forma ou outra, algo oposto a tal progresso.

ORIGENS DO CONCEITO

A etimologia da palavra fetiche de fato carrega em si indícios relevantes sobre o contexto de seu surgimento. O termo *fetich* seria derivado do português arcaico *fetiço* – palavra utilizada pelos navegadores portugueses na tentativa de descrever as, para eles estranhas, manifestações religiosas dos povos africanos com os quais se deparavam em suas expedições.

Posteriormente, a grafia *fetich* aparece pela primeira vez, no francês, na obra de Charles de Brosses, em 1756, em *Histoire des navigations aux terres australes*, e então posteriormente, com maior destaque, em *Du culte des dieux fetiches*, de 1757. Será nesse último livro que o termo de fato ganhará um desenvolvimento conceitual.

O conceito de fetiche, bem como o de fetichismo, nascem a partir de um ponto de vista colonialista europeu sobre manifestações religiosas africanas com as quais se deparavam, e a necessidade de estabelecer em relação a elas uma diferença. O pensamento fetichista tornou-se, então, o símbolo do pensamento primitivo, e, portanto, crivado de equívocos.

Dentre todas as apresentações do fenômeno fetichista nestes relatos inaugurais, é possível deles extrair algumas características essenciais do nascente conceito, às quais sublinharemos para posterior comparação com a teoria freudiana.

A primeira de tais características essenciais seria a de seu status de incorporação material. Charles de Brosses ainda não fazia a diferenciação entre fetiche e ídolo - sua concepção de fetiche estava absolutamente vinculada com o fato da materialidade do ídolo, como se o fetichista adorasse o objeto em si, em contraposição com a adoração a seres celestiais (Pitz, 1985, p. 7). Poderíamos, aqui, arriscar a compreensão de que, enquanto o ídolo funciona de forma metafórica, sendo uma representação da divindade, o objeto fetiche funciona de forma análoga à metonímia, sendo um objeto comum que herda, por proximidade associativa, características da entidade à qual faz referência.

A segunda característica essencial do fetiche seria, para Pitz (Pitz, 1985, p. 7), relativo ao tema da singularidade e da repetição. O ponto de incidência do fetiche, a singularidade da forma que assumirá em sua incorporação, é dependente da fixação em um evento originário, que promove que se reúnam neste objeto elementos antes heterogêneos e mesmo conflitantes: "O fetiche é sempre uma fabricação composta" (idem), aponta o autor.

Esses elementos múltiplos e contraditórios que coabitam e constituem o fetiche são, por excelência, imateriais. São sentimentos, percepções, crenças conflituosas, que encontram uma espécie de trégua através, justamente, da fixação em uma forma materializada, incorporada. O poder do fetiche reside em repetir o ato original de sua constituição (Pitz, 1985, p. 7)

O terceiro elemento essencial do fetichismo seria relativo ao problema do valor. A questão da formação do valor era particularmente relevante no mercantilismo, concepção econômica da época em que foi cunhado o termo fetichismo, e era envolto de mistérios a respeito de seu funcionamento. A questão da equivalência de valor entre mercadorias a serem trocadas era um real problema, e as trocas com povos distantes tornavam tal equivalência ainda mais difícil de estabelecer.

Por fim, Pietz enumera um quarto elemento fundamental que atravessa todo tratamento teórico ao conceito de fetichismo: a relação estreita do objeto fetiche com o corpo do sujeito (Pietz, 1987, p. 45). O fetiche exerceria um poder sobre aquele que o crê, de proteção, mas também potencialmente de ameaça à sua vida.

Veremos, posteriormente, como tais características fundamentais são expressas na concepção freudiana de fetichismo.

O FETICHISMO COMO ENTIDADE NOSOLÓGICA

Após abordamos o nascimento do conceito de fetichismo no contexto da igualmente nascente antropologia, veremos, a partir de então, como a psiquiatria tomou de empréstimo tal termo, para, por fim, mostrarmos os pormenores de como a psicanálise se apropriará dos conceitos de fetiche e fetichismo para a criação de sua própria teoria.

Alfred Binet, psicólogo francês, dedicou uma obra sobre o tema, com grande excelência: *O fetichismo no amor*. Nesta obra, Binet fornecerá uma clara definição do termo para o campo sexual que inspirará definitivamente os teóricos posteriores. Realizará nela, ainda, uma distinção fundamental, para a qual devemos estar atentos: entre um fetichismo menor, elemento comum a todo enamoramento, e um fetichismo maior, este propriamente perverso.

Binet chama a atenção, de forma verdadeiramente revolucionária, para o fato de que tal postura fetichista é, em alguma medida, presente em todos: "Deve-se acrescentar que todo mundo é mais ou menos fetichista no amor: há uma dose constante de fetichismo no amor mais regular" (Binet, 2014, p. 8).

Outro expoente de seu tempo e grande influenciador de Freud, o Dr. Richard Von Krafft-Ebing, psiquiatra alemão, professor de psiquiatria e neurologia na Universidade de Vienna, com sua obra *Psychopathia sexualis* tratará também do conceito de fetichismo para o campo da medicina. Krafft-Ebing mencionará o fetichismo pela primeira vez, ao questionar-se sobre a razão pela qual uma pessoa se apaixona especificamente por outra, e vê nela qualidades únicas. Para o "observador científico", no entanto, não seria um mistério: se trataria de uma certa qualidade de fetiche atribuída a certas peculiaridades da pessoa amada (Krafft-Ebing, 1894, p. 17).

O fetichismo no amor supervalorizaria um objeto próximo ao ser amado; o fetichismo maior, por sua vez, radicalizaria tal operação: "Ele tem por resultado isolar o objeto amado, quando ele não é mais que uma fração da pessoa total: a parte se torna, até um certo ponto, um todo independente" (Binet, 2014, p. 19). Este "tomar o todo pela parte" será, em uma frase, o entendimento da lógica do fetichismo que reinará durante um bom tempo, até que a complexidade da lógica fetichista seja melhor abordada, em especial, diríamos, pela teoria psicanalítica.

O fetichismo patológico está separado do fetichismo no amor por uma questão de gradação, de forma que seria, por vezes, difícil distingui-los. Os objetos eleitos pelo fetichista perverso não se distinguem daqueles eleitos normalmente, mas sua adoração por eles ganharia um caráter exagerado e exclusivo (Binet, 2014, p. 7). Diferentemente do sádico e do

masoquista, afirma Krafft-Ebing, que seriam "*monstrum per excessum*" (Krafft-Ebing, 1894, p. 153), o fetichista seria um "*monstrum per defectum*" (idem): o que dotaria o fetichismo de seu caráter patológico não é a presença ou excesso de alguma coisa, mas a ausência ou a falta de algo; no caso do fetichismo, a ausência ou declínio de interesse por qualquer outro objeto que não seja o fetiche. O que distinguiria, portanto, o fetichismo patológico é a presença do objeto fetiche como condição *sine qua non* para a excitação sexual.

PRIMEIRAS MENÇÕES DE FREUD AO PROBLEMA DO FETICHISMO

Após este breve panorama da história do conceito do fetichismo em outros campos do saber, abordaremos, a partir de então, a concepção de tal conceito na psicanálise.

Para iniciarmos nosso percurso pela obra freudiana, devemos tecer alguns comentários sobre as primeiras considerações de Freud acerca do problema do fetichismo. A primeira obra na qual Freud menciona explicitamente a questão do fetichismo será os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905. Nesta, Freud propõe-se, de forma bastante semelhante a Krafft-Ebing, a realizar um exame sistemático das nomeadas "aberrações sexuais".

De forma muitíssimo resumida, lembremos que Freud distingue dois tipos de desvios sexuais: uns relativos aos objetos, outros ao alvo. Os desvios quanto ao alvo são então subdivididos entre dois grupos, nomeadamente, as transgressões anatômicas e a fixação em alvos sexuais preliminares. É digno de nota que Freud enquadre o fetichismo no primeiro desses subgrupos, algo que ele próprio admite ser contraintuitivo (Safatle, 2010, p. 48; Freud S. , 2017, p. 45).

Freud justifica sua escolha de assim classificar o fetichismo alegando que, com uma observação mais cuidadosa, veríamos que o que está em jogo no fetichismo é uma superestimação, ligada a um abandono da meta sexual (Freud S. , 2017, p. 45). O sujeito superestimaria ou uma parte do corpo geralmente não associada a fins sexuais, ou um objeto inanimado que seja associado ao amante, e, graças a tal superestima, "Não sem motivo, tal substituto é comparado ao fetiche que, para o homem selvagem, encarna seu Deus" (Freud S. , 2017, p. 46). O fetichismo apenas se tornaria patológico a partir do momento em que o interesse pelo objeto fetiche suplanta o pela meta normal, e quando ele se desprende da pessoa, passando a ser o único objeto sexual (Freud S. , 2017, p. 47).

Outra observação muito relevante e própria da teoria freudiana nascente, já se descolando da inspiração em Binet e Krafft-Ebing, é a de que, conforme indícios apontavam, tais memórias esquecidas eram, por vezes, relativas à curiosidade e observação dos genitais

femininos. Sendo detidos pela proibição e pela repressão, a atenção fixar-se-ia no caminho - nos sapatos, por exemplo - e o objeto fetiche seria então criado em substituição ao genital feminino. Desta forma, realizando a expectativa infantil, poderiam ser imaginados como masculinos (Freud S. , 2017, p. 49).

Freud, nesse momento, voltava-se para a ideia de que estaria na origem das perversões como um todo, a exemplo do que ocorreria no fetichismo, uma fixação em determinado momento do desenvolvimento sexual infantil anterior ao estágio genital, sendo a perversão uma reação à diferença sexual anatômica (Freud S. , 2017, p. 58).

Mas a mais importante das constatações freudianas, já neste texto tão inicial de sua obra, seria a de uma universalidade na predisposição para as perversões sexuais. Inspirado nos comentários de Binet acerca do fetichismo, quando afirma existir, de forma regular, um fetichismo menor que seria o germe do amor, Freud expande tal concepção afirmando que o mesmo ocorreria com as demais perversões sexuais, que estariam também presentes, em maior ou menor medida, na vida sexual de todos.

A TEORIA DO RECALCAMENTO PARCIAL – *SOBRE A GÊNESE DO FETICHISMO*, 1909

De forma a prosseguirmos com a revisão sobre os estudos freudianos acerca do tema fetichismo, devemos discorrer acerca de sua primeira teoria correlata – a do recalcamto parcial. Recorremos para tanto a um texto não publicado de Freud, cuja existência só veio a público em meados de 1980. A mencionada primeira contribuição de Freud ao tema do fetichismo foi enfim encontrada entre notas e cartas de Otto Rank, na coleção Rank da Universidade de Columbia, consistindo na ata de uma reunião ocorrida em 1909, da Sociedade Psicanalítica de Viena, ocasião em que Rank era primeiro secretário de atas, permanecendo até 1918 nessa função. A referida ata registra ter sido então que Freud apresentou seu primeiro escrito acerca do fetichismo, intitulado *Sobre a gênese do fetichismo* (Freud S. , (1909) 2014).

Concordando com a posição de Binet, por conceber que a formação do fetichismo era adquirida na experiência, Freud, no entanto, ressalva que, mesmo que exista, no tocante à perversão, uma predisposição inata, esta seria, de acordo com sua própria teoria psicanalítica, comum à pulsão sexual em geral, o que lhe conferiria, portanto, um caráter universal (Freud S. , (1905) 1996). A proposta de Freud abriu um terceiro caminho entre as teorias médicas até ali existentes, entre a natureza congênita ou adquirida das perversões, fazendo uma verdadeira torção na polêmica teórica. A universalidade da perversão polimorfa, desta forma, constitui uma

ruptura das barreiras estabelecidas pela medicina da época entre normal e patológico (Jorge, 2010, p. 28).

Concordando com o observado por Kraft-Ebing e com o fetichismo menor de Binet, Freud menciona um tipo de fetichismo que intitula ‘condições de amor’, ou seja, as condições particulares, os traços que devem ser encontrados no parceiro para que ele se torne objeto de amor, algo tão comum de observar nas experiências amorosas. Esta modalidade fetichista seria constituída igualmente por reminiscências de amores passados, ou mesmo de seu oposto, quando, por ocasião do recalque, é tido que se deve abandoná-lo.

Segundo essa primeira concepção de fetichismo formulada por Freud, na formação do fetiche atuaria uma forma particular de repressão, que promove uma divisão do complexo, fazendo figurar, de um lado, uma parte reprimida; e, de outro, uma parte que passa a ser idealizada e transformada no fetiche.

Em sua fórmula de inicial para o fetichismo, Freud resume que três partes concorrem na formação do fetiche: supressão da pulsão, recalque parcial, idealização parcial (Freud S. , (1909) 2014, p. 162). Trata-se de um texto muito rico, desde a forma como trabalha o conceito de pulsão, mencionando inclusive uma pulsão do olhar, até a idealização, passando por uma intuição inicial sobre uma divisão do ego. Ainda que o texto de 1927 constitua o marco para a modificação da referida teoria freudiana acerca do mecanismo de formação do fetichismo, continuam válidas e interessantes para fins de pesquisa as questões levantadas em 1909 sobre o recalque parcial.

A TEORIA DA VERLEUGNUNG – O FETICHISMO, 1927

Fetichismo, de 1927, será o texto freudiano fundamental sobre este conceito homônimo. Tal texto servirá como referência primordial à investigação que prosseguiremos, tendo em vista sua vasta riqueza conceitual, a qual devemos atentivamente observar.

A significação e o propósito do objeto fetiche são assim apresentados por Freud: “o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual — sabemos por quê — não deseja renunciar” (Freud S. , (1927) 2015, p. 246).

Freud destaca a importância especial que o falo - simbolicamente substituído pelo objeto fetiche - assume na infância; pois não se trata de um pênis qualquer, mas sim o suposto pênis materno, suposição a qual seria posteriormente desmentida, não fosse a criação do objeto fetiche. Assim, verifica-se que a criação do fetiche constitui um recurso para que o sujeito possa conservar a completude consubstanciada no falo.

Apenas a partir do texto de 1927, Freud definirá o modo próprio de o perverso recusar-se à castração, ao qual nomeará *Verleugnung*. A solução caracteristicamente fetichista, modelo para a perversão em geral, para que o sujeito possa reagir à angústia da percepção da ameaça de castração, é a constituição de um objeto fetiche como meio de sustentar sua recusa, o que lhe permite simultaneamente aceitar e rejeitar a percepção dessa ameaça.

O fenômeno da *Verleugnung* é vinculado diretamente ao fetichismo, e consiste na sustentação de uma duplicidade, pois ampara, concomitantemente, duas posições contraditórias. “Conservou esta crença, mas também a abandonou; no conflito entre o peso da percepção indesejada e a força do desejo contrário chegou a um compromisso (...)” (Freud S. , (1927) 2015, p. 246), o da criação do objeto fetiche.

A contradição consubstanciada na criação do objeto fetiche decorre de sua duplicidade em recusar a percepção da castração, a qual concomitantemente atesta. Assim, “O horror à castração ergue para si um monumento” (Freud S. , (1927) 2015, p. 247), permanecendo este monumento como um “*stigma indelebile*” (Idem) da percepção e da aversão à diferença sexual e ao genital feminino.

Ocorre, portanto, que tal objeto fetiche comporta uma série de ambiguidades. A partir do fetiche, se busca obter tanto uma proteção contra a castração, como um triunfo sobre ela; algo que esconda as consequências do encontro, mas ainda assim a própria existência do fetiche é a prova concreta de que houve percepção da ameaça. Ainda, ao mesmo tempo que o fetiche é proposto a ser um substituto ao falo materno, ele é a memória viva de sua ausência.

A criação do objeto fetiche depende, desde os primeiros estudos sobre o tema, de um encontro fortuito, de uma cena fundadora. A lógica de sua criação seria análoga à de uma memória encobridora. No momento exato em que se daria a percepção da diferença sexual anatômica, a cena, na memória, se interrompe. A cena imediatamente anterior à confrontação com a castração fica então suspensa, como que congelada, e um objeto fortuito que, por efeito de contiguidade, tenha relação ao corpo feminino, é, então, supervalorizado como objeto fetiche.

O referido texto de 1927 também introduz o assunto que Freud posteriormente intitulará em seus trabalhos como clivagem do eu: a natureza da disposição contraditória entre a admissão e a recusa da percepção. Freud observa o quão comum é o fenômeno acima mencionado na vida cotidiana, vindo posteriormente a concluir que, diferentemente do que se supunha, não se deveria considerar o eu como uma unidade coesa. Em sua *A clivagem do eu nos processos de defesa*, obra deixada por acabar, Freud volta-se a esta intuição.

Neste artigo sobre a clivagem do eu, ou *Ichspaltung*, observa-se que, embora volte a discorrer sobre o *Fetichismo* e forneça essencialmente a mesma explicação, Freud amplia o entendimento desse fenômeno, ao acrescentar-lhe uma “distinção não pouco importante” (Freud S. , (1938) 1996, p. 295) ao debate – a transferência de valor efetuada pelo processo de criação do fetiche. Com isso, fica evidente como é parte intrínseca ao conceito de fetichismo um questionamento acerca do problema do valor e da manipulação e transferência deste.

O PENSAMENTO FETICHISTA NA CRENÇA – A *VERLEUGNUNG*

Com a finalidade de verificarmos como o pensamento fetichista estaria presente no seio íntimo dos sujeitos "civilizados", nos voltaremos para o exame da renegação. A *Verleugnung* pode ser sucintamente definida como o mecanismo que sustenta a co-existência entre as proposições contraditórias – a de que a mãe tem e não tem o falo. Assim, é possibilitado ao sujeito saber sobre a castração e concomitantemente mascarar de si que o sabe, de forma a afastar a angústia inerente a esse conhecimento. Para compreender como é possível fazer a sustentação desse paradoxo, de manter para si duas proposições que seriam excludentes, passaremos a esmiuçar este mecanismo.

A questão da crença estaria implicitamente colocada quando falamos da *Verleugnung* devido justamente à sutil natureza do que se busca refutar: a percepção de uma ausência. Mannoni (Mannoni, 1973, p. 10) destaca que, para que uma ausência seja percebida, é necessário que se pressuponha que algo deveria estar presente e, não sendo encontrado o que era esperado, o vazio lhe toma o lugar.

É o que observamos na narrativa freudiana acerca da renegação: a percepção da realidade anatômica, que faz diferir cada sexo, viria desmentir a crença prévia - a saber, a pressuposição, em termos freudianos, de que o falo estaria presente universalmente.

A *Verleugnung* seria, então, o próximo passo. Pois não se trata apenas de recusar algo que se apresente à percepção, trata-se de recusar algo que se apresenta como uma negatividade. E como seria possível que a percepção de algo que não está presente fosse gerar uma rejeição, se não a partir da crença de que a presença deveria ser encontrada ali onde ela é pressuposta?

A percepção desta ausência na realidade, portanto, faz com que, em um primeiro momento, a crença seja desmentida. A *Verleugnung* consistiria, então, em recusar esse desmentido da crença que a percepção impõe. Negar-se a perceber o negativo constitui uma negação da negação - uma re-negação. Desta forma, sublinhemos, temos na *Verleugnung* a negação de uma negatividade percebida.

O objeto fetiche é a cristalização da crença no falo materno que a criança não quer abandonar. É a recusa do sujeito ao “desmentido que a realidade lhe impõe” (Mannoni, 1973), razão por que, então, conserva e abandona a crença ao mesmo tempo (Freud S. , (1927) 2015).

A constituição do objeto fetiche é uma “ação muito enérgica” (Freud S. , (1927) 2015, p. 246), um verdadeiro trabalho que promove uma migração do valor fálico para outro objeto qualquer, o qual, no entender do sujeito, permite à mulher, enquanto portadora de tal objeto, manter sua qualidade fálica. Exercendo o papel de substituto imaginário do falo materno, o objeto fetiche atua como uma lembrança encobridora da realidade insuportável para o sujeito, um simulacro de que a crença se concretiza.

Ecoando Freud (Freud S. , (1938) 1996), Mannoni destaca a contradição da lógica da *Verleugnung*, que oscila entre a banalidade e a estranheza. Alegar que se sabe sobre a castração sem abrir mão de um objeto fetiche, é lidar com algo que nos soa familiar e novo ao mesmo tempo, haja vista a trivialidade de ouvir alguém dizer “Eu sei, mas mesmo assim...” (Mannoni, 1973, p. 12). O fetiche é a forma que assume o “mesmo assim”, sendo o meio de perpetuação da crença que o conhecimento da realidade desmente. A constituição do fetiche transfigura a crença invalidada pelo saber em ação. Assim, esta ação permite a perenização da crença abalada.

Esta seria essencialmente a postura do indivíduo esclarecido frente a qualquer crença – ele diz se basear unicamente na razão, na materialidade, na técnica, sem notar (ou notando cnicamente) que há, na base de sua práxis, crenças ideológicas e metafísicas.

O PENSAMENTO FETICHISTA NA ECONOMIA – MARX

A questão do fetichismo também aparece já no início da obra fundamental de Marx, mais especificamente, na Parte 1 do Volume I de *O capital*. A teoria de Marx é um marco incontornável na história do fetichismo, tendo influenciado, de forma permanente, o que compreendemos deste conceito. Como afirma Zizek, a concepção marxista do conceito de fetichismo nos

oferece uma espécie de matriz que nos faculta gerar todas as outras formas da 'inversão fetichista': é como se a dialética da forma-mercadoria nos apresentasse uma versão pura – destilada, por assim dizer – de um mecanismo que nos oferece uma chave para a compreensão teórica de fenômenos que, à primeira vista, nada tem a ver com o campo da economia política (direito, religião etc) (Zizek, 1996, p. 301).

Esta influência se estendeu para a psicanálise, de forma que Lacan indica inequivocamente ter se inspirado nas considerações de Marx sobre o fetichismo e sobre a mais-

valia para formular aquele que seria seu principal conceito original, o objeto *a*.

Apesar de outros autores já terem descoberto anteriormente que a formação do valor de uma mercadoria se dava a partir da força de trabalho, Marx aponta que tal constatação não teria sido suficiente para de fato compreender a natureza da mercadoria, a qual seguia sendo mistificada. Marx inicia sua obra *capital* discorrendo sobre o conceito de mercadoria, até culminar no tópico em que tratará do fetichismo, apresentando-o como o segredo por trás de seu mistério.

Em um primeiro momento, ao mesmo tempo que o valor de troca parecia se definir pela proporção de valor de uso entre um objeto e outro a serem trocados, de uma forma que variaria de acordo com as circunstâncias, por outro, o valor de troca era visto como uma propriedade imanente da mercadoria, o que constituiria uma contradição (Marx, 2017, p. 114).

No entanto, o valor de troca (ou, simplesmente, valor) deve advir, precisamente, da abstração do valor de uso, de suas propriedades físicas - ou seja, todas as propriedades sensíveis das mercadorias específicas devem ser apagadas para que se estabeleça uma equivalência entre elas (Marx, 2017, p. 115).

Apagadas todas as diferenças sensíveis entre as mercadorias, o que resta é uma única propriedade, a de serem fruto do trabalho (Marx, 2017, p. 115). Mas, importante demarcar, apagando-se as características sensíveis do corpo de cada produto, apaga-se também a distinção entre o trabalho de quem produz cada diferente objeto, sendo considerado, para a formação do valor de troca, e para que haja equivalência possível, o trabalho também como abstrato. O que resta destas abstrações é uma "objetividade fantasmagórica" (Marx, 2017, p. 115). Para uma mercadoria encarnar a função de equivalente, a consideração por sua materialidade deve ser eliminada, de forma que ela se torna, essencialmente, valor corporificado.

Toda essa análise faz com que percebamos, afirma Marx, que a forma mercadoria é algo mais complexo do que pareceria: "Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos" (Marx, 2017, p. 141).

Acompanhando o argumento de Marx, entendemos como o "mistério" da mercadoria consistiria no fato dela esconder, em sua própria forma, as relações sociais de trabalho que estão em sua origem. A forma-mercadoria faz aparentar que o que estaria em jogo na formação de seu valor seria a relação entre os objetos, e não a relação social dos produtores com o produto de seu trabalho. Assim, uma relação social entre homens assume a "forma fantasmagórica de uma relação entre coisas" (Marx, 2017, p. 142).

Alcançamos, então, a formulação de Marx de qual seria o caráter fetichista da mercadoria:

Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relações umas com as outras e com os homens. (...) A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (Marx, 2017, p. 143).

Observemos que, imediatamente à definição de fetichismo, vêm a consideração de Marx de que ele seria inseparável da produção de mercadorias, o que nos remete, novamente, à nossa ideia de que o pensamento fetichista não pode ser simplesmente superado, ele é intrínseco às relações com os objetos.

Seguindo a formulação de Sohn-Rethel, Zizek nos elucidava que o que estaria em questão no fetichismo da mercadoria é uma "abstração real" (Zizek, 1996, p. 303), real no sentido de se efetivar na prática – haveria um postulado subentendido na troca de que a mercadoria será tomada a partir do valor abstraído nela, e não em sua materialidade. Essa abstração real agiria na forma de um "como se": para que a troca seja possível, agimos "como se" a mercadoria fosse, para além de sua materialidade, portadora de um valor.

Esse "como se" seria equivalente, nos aponta Zizek, à fórmula da renegação fetichista como descrita por Mannoni: "Sei muito bem, mas, ainda assim...", sendo, dentre as mercadorias, o dinheiro, como equivalente universal, o melhor dos exemplos. Seguindo esta lógica, é como se os sujeitos, ao efetuarem suas trocas, agissem como quem diria "Sei que o dinheiro é um objeto material como os outros, mas, ainda assim... [é como se ele fosse feito de uma substância especial, sobre a qual o tempo não tem nenhum poder]" (Zizek, 1996, p. 303).

O fetichismo, assim, não seria uma questão de falsa consciência, como se poderia pensar. Sabemos que uma moeda é um pedaço de metal sem valor algum, se pensarmos em sua materialidade. Mas, para ser possível efetuarmos nossas trocas, é necessário que se elimine as características materiais daquele exemplar, e o trate como mero suporte de um valor que é projetado nele. A moeda é a consubstancialização, a encarnação do valor puro.

O PENSAMENTO FETICHISTA SE PERPETUA NO AMOR – FUNÇÃO FETICHE COMO CAUSA DO DESEJO

Com a finalidade de discutirmos sobre esta função que Lacan destacará para o objeto fetiche, de ser ele causa para o desejo, se fará necessário que façamos uma longa passagem por sua teoria do objeto, culminando em seu conceito primordial de objeto *a*.

Iniciaremos tal percurso pela relação que Lacan demonstrou ser inafastável entre o objeto e a falta. Contrapondo-se à teoria corrente dos pós-freudianos, Lacan fundará um novo paradigma de objeto, o qual reconhece como sua única contribuição original à psicanálise: o conceito de objeto *a*. Esta concepção não será baseada em um objeto harmônico, ideal para a sexualidade adulta saudável, mas sim na falta desse objeto.

A questão da falta se radicalizará com o resgate que Lacan faz na teoria de Freud acerca de *das Ding*, ou a Coisa. *Das Ding* seria como um lugar vazio deixado pela falta do objeto, do qual deriva uma força de atração; é o anseio pelo reencontro, ilusão essa do reencontro que fundará, então, a organização de um sistema da percepção humana de todos os demais objetos.

Lacan adverte que não ocorreu de fato a perda do objeto ideal para a satisfação, uma vez que ele seria apenas um mito, nunca teria existido: “O objeto é, por sua natureza, um objeto reencontrado. Que ele tenha sido perdido é a consequência disso - mas só-depois” (Lacan J. , (1959 - 1960) 2008, p. 145). Em outras palavras, o objeto não é reencontrado porque foi perdido, mas o que se expõe é que ele é sempre, desde sua origem, perdido, e, em alguma medida, reencontrado em cada objeto empírico que é tomado em comparação a ele. Haveria, assim, na origem de toda relação com os objetos empíricos, a comparação àquele suprassensível tão ansiado, de forma que tais objetos empíricos sempre trarão, em si, a marca dessa falta.

O dado fundamental é que o objeto suprassensível é um objeto que falta. A Coisa é essa falta (do objeto) assumida como princípio; ou seja, a perda antecede o que foi perdido, o qual pode ser pensado só-depois, através do mito, da fantasia de uma experiência idílica de satisfação originária.

Como falta absoluta, *das Ding* seria um conceito demasiadamente abstrato para que se pudesse compreender, somente a partir dele, o que poderia fazer com que o desejo se direcionasse a qualquer objeto empírico. A resposta de Lacan será a criação do objeto *a*, objeto que fará, por suas características, a intermediação entre esses polos.

O objeto *a* teria esta função de mediação – ele é o mediador que possibilita que o desejo tenha um objeto, e que os objetos possam ser desejados. Portanto, o objeto *a* fará a ponte entre a causa do desejo, que é um vazio de objeto, e os objetos desejados. Compreende-se então sua definição mais clássica, a de ser ele o objeto causa do desejo.

Devemos enfatizar especialmente esta posição de intermediário que o objeto *a* opera, ao encarnar na forma de objeto a própria falta de objeto, por correlacionar tal propriedade justamente com a operação fetichista.

No que concerne à origem empírica e definição do objeto *a* como uma parte do corpo

marcada pelo corte significativo, voltamos-nos a referências que Lacan tece quanto à relação com o Outro, em que identifica o objeto *a* como “o objeto que funciona como resto da dialética do sujeito com o Outro” (Lacan J. , (1962 - 1963) 2005, p. 252). Para o autor, é fundamental a forma como o sujeito se posicionará em relação ao desejo do Outro, ou seja, como lidará com o fato de que a mãe se encontra derrubada de sua potência, já que a ela falta o falo e que ela é um ser desejante.

A castração do Outro manifesta-se tanto no sentido do enigma do desejo da mãe, como no sentido da impossibilidade de o simbólico instituir qualquer objeto que pudesse suprir o desejo. A solução fetichista para evadir-se a essa Lei da castração é privilegiar o meio imaginário, e, para fazer frente a esse enigma, recorre à imagem projetada no véu, uma indeterminação a esta falta de objeto, que está mais além do véu (Lacan J. , (1956 - 1957) 1995, p. 157).

Como já mencionamos, Freud estabelece o mecanismo de formação do objeto fetiche nestes termos de valor: “Ele não fez mais do que um deslocamento de valor — transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo (...). Esse deslocamento, é verdade, relacionou-se apenas ao corpo feminino” (Freud S. , (1938) 1996). Ou seja, a perenização do falo materno é operada quando o fetiche substitui o falo simbólico, assumindo o valor do falo que era idealizado na mãe. A criação do fetiche fornece uma sobrevida ao falo materno, a despeito da castração, através de uma espécie de transferência de valor.

Essa transferência do valor fálico acima mencionada seria essencialmente o meio de fazer desejável qualquer objeto da experiência fenomenológica. Assim, podemos compreender o procedimento fetichista como a abstração do valor fálico e a conseqüente projeção dessa qualidade nos objetos comuns: um objeto qualquer se torna fetiche por constituir-se portador de uma espécie de brilho, de encanto, que o torna supervalorizado para além de qualquer determinação empírica.

Lacan esclarece através deste termo que a causa do desejo não está no objeto em si, mas sim neste *agalma*, que seria uma espécie de objeto sutil ‘dentro’ do objeto, oculto por trás do invólucro de sua materialidade (Lacan J. , (1960 - 1961) 1992, p. 141). *Agalma* expressa, justamente, este brilho inexplicável que faz com que determinado objeto seja para alguém fonte de encanto, que suscite o desejo.

Porém, não se deve confundir a função com a fenomenologia do fetiche. Como explica Lacan, *agalma* refere-se à função de fetiche do objeto causa do desejo (Lacan J. , (1960 - 1961) 1992, p. 139). A função do fetiche é justamente promover este descolamento da fenomenologia

dos objetos, projetando neles propriedades para-além deles.

ROMPENDO FRONTEIRAS – O PRIMITIVO É ÍNTIMO

Como vimos anteriormente, na concepção dos primeiros teóricos a utilizar os termos fetiche e fetichismo, os fetichistas são sempre os outros. O fetichismo está sempre alhures: na África, na criança, na superstição (Böhme, 2014, p. 4).

Desde que entrou no vocabulário europeu, o termo fetichismo serve para designar uma relação corrompida com os objetos. Do ponto de vista de uma consciência "esclarecida", "secular", o pensamento fetichista seria um erro, uma falsa atribuição de valor e propriedades a um objeto que não as contém. Isso se daria por um mecanismo de projeção, sendo que o objeto passa a, ao mesmo tempo, encarnar essas características e as irradiar para o fetichista que os crê. Este erro seria a fonte de um poder sobre os crentes, algo que os enreda em uma ilusão (Böhme, 2014, p. 4).

Podemos pensar como, para os europeus, deparar-se com povos estrangeiros, os quais consideravam bárbaros e dos quais gostariam de provar sua diferença, e vê-los performatizar aspectos essenciais, porém recalcados, de sua própria cultura dita civilizada, foi motivo da mais absoluta repulsa.

Isso nos remete ao que formulara Freud acerca do Estranho (*Unheimlich*). Recordemos de tal texto seminal. O termo *unheimlich* comporta em si uma espécie de dualidade, o que o torna particularmente interessante. O substantivo *heim* do qual *unheimlich* deriva significa lar, morada, em alemão. O adjetivo *heimlich*, relativo ao *heim*, designa o que é familiar, conhecido, próprio da privacidade do lar. Neste sentido da privacidade, ele também é oculto ao público, e, assim, a palavra ganhou também o sentido de secreto, íntimo, desconhecido. A negação seria a expressão de tal ambiguidade, sendo o prefixo *un-* da negação a "marca do recalçamento" (Freud S. , 2019, p. 75).

Seguindo tal indicação, podemos pensar a que ponto o termo *fetisso* para designar a crença religiosa de povos distintos, naquele contexto, veio à tona com a finalidade de nomear e afastar tal estranho íntimo. Nomear e caracterizar de tal forma tais ritualísticas seria, afinal, uma forma de rejeitá-las como equivalentes àquelas de sua religião familiar.

Será apenas com Marx e Freud que tal intimidade do primitivo será revelada. Dentre todos os pensadores que se debruçaram sobre o problema do fetichismo, estes autores se distinguem por dar este passo fundamental:

A mudança operada por Marx e Freud consiste justamente em (apontar) que o conceito de fetichismo se aplica à análise de fenômenos (a

mercadoria, a perversão sexual) próprios da sociedade à qual eles mesmos pertencem e da qual eles são observadores internos (Iacono, 1992, p. 74).

Enquanto o conceito de fetichismo como formulado por outros autores anteriores era enviesado ideologicamente pela ideia de progresso da humanidade e servia como comparação, Marx e Freud rompem com esta perspectiva. Assim, conseguem dar uma nova vida a este conceito que Marcel Mauss teria chamado de um imenso mal-entendido do colonialismo (Iacono, 1992, p. 75), estabelecendo, sinteticamente, que nós, civilizados, esclarecidos, "não acreditamos no fetichismo, mas ainda assim somos fetichistas. Nós sabemos disso, mas mesmo assim... não conseguimos deixar de sê-lo" (Böhme, 2014, p. 4).

Assim, contrariamente ao que se teorizava anteriormente, o fetichismo não seria apenas um estágio primitivo do desenvolvimento individual e coletivo que deveria ser abandonado com o avanço da razão. Vemos, portanto, como esses autores se aproximam da concepção de que o pensamento fetichista seria, em verdade, um aspecto ineliminável da relação do homem com os objetos de seu desejo.

Referências

- Baas, B. (2001). *O desejo puro*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Binet, A. (2014). *Le fétichisme dans l'amour (E-book)*. FV Éditions.
- Böhme, H. (2014). *Fetishim and culture: a different theory of modernity*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH.
- Freud, S. ((1905) 1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. ((1909) 2014). Sobre la génesis del fetichismo. *Affectio Societatis*, 11(21), 154 - 167.
- Freud, S. ((1927) 2015). Fetichismo. Em S. Freud, *Obras completas, volume 17*. São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. ((1938) 1996). A divisão do Ego no processo de defesa. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2017). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Obras completas, volume 6*. São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. (2019). *O infamiliar (Das unheimliche) - Edição comemorativa bilíngüe*. São Paulo: Autêntica.

- Iacono, A. M. (1992). *Le fétichisme, histoire d'un concept*. Paris: Presses universitaires de France.
- Jorge, M. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Krafft-Ebing, R. (1894). *Psychopathia sexualis, with especial reference to Contrary Sexual Instinct: a medico-legal study*. Philadelphia: The F. A. David Company, Publishers.
- Lacan, J. ((1956 - 1957) 1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. ((1959 - 1960) 2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. ((1960 - 1961) 1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. ((1962 - 1963) 2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mannoni, O. (1973). *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes.
- Marx, K. (2017). *O capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Pietz, W. (1987). The problem of the fetish, II: The origin of the fetish. *RES: Anthropology and Aesthetics*, pp. 23 - 45.
- Pitz, W. (1985). The problem of the fetish, I. *Res: Anthropology and Aesthetics*, Nº 9, pp. 5-17.
- Safatle. (2010). *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sehnm, C. (2009). Kant: reprodução e esquema. *Argumentos, Ano 1, nº 2*, 122 - 129.
- Zizek, S. (. (1996). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.